

MUFG amplia foco para cadeias de suprimentos

Banco aposta em automatização de processos e parcerias com fintechs, mas não vai aumentar carteira de crédito “apenas por crescer”, segundo executivo

Por **Álvaro Campos** — De São Paulo

22/07/2021 05h01 Atualizado há 4 horas



Schultz: “A pandemia trouxe algumas oportunidades e nós aproveitamos” — Foto: Claudio Belli/Valor

Com nome complicado e perfil extremamente discreto, o Mitsubishi UFJ Financial Group (MUFG) é pouco conhecido do grande público no Brasil, ainda que esteja presente no país há mais de cem anos. O foco voltado a serviços para companhias japonesas e grandes empresas, especialmente exportadoras, contribui para isso.

Agora, o banco japonês está ampliando seu leque para o entorno desse público-alvo, sem perder de vista as origens. “Estamos começando a atuar em financiamento da cadeia de suprimentos, financiando fornecedores dos nossos clientes. Construímos uma plataforma automatizada, estamos comprando soluções, fazendo parcerias com fintechs”, afirma Eduardo Schultz, vice-presidente do MUFG no Brasil.

O executivo, que tem passagens por BankBoston, Itaú e Bank of America, diz que a operação local é importante para o grupo, mas tem se modernizando, com investimentos em automação e tecnologia para se tornar mais ágil.

O MUFG, 25º maior banco do país em ativos, tem uma carteira de crédito de R\$ 3,09 bilhões, composta principalmente por adiantamentos de contratos de câmbio (R\$ 1,069 bilhão), financiamento à exportação (R\$ 884,2 milhões) e capital de giro (R\$ 675,0 milhões). Outro foco de atuação serviços para grandes empresas, como gestão de caixa, estruturação de dívida e derivativos para hedge cambial.

“A pandemia trouxe algumas oportunidades e nós aproveitamos, mas sempre com muita cautela. Não queremos crescer a carteira apenas por crescer. Queremos utilizar bem o nosso balanço e realizar também outras operações menos pesadas, somos um banco de transações”, diz.

De acordo com Schultz, o banco trabalha com quase 350 empresas japonesas que têm presença no país e outras cerca 75 grandes companhias nacionais, em geral ligadas ao comércio exterior. A exposição por setores é diversificada, mas o automotivo é um destaque.

Em outra frente de negócios, a estruturação de dívidas, o MUFG viu crescer o interesse do mercado por títulos atrelados a critérios ESG (sigla em inglês para parâmetros ambientais, sociais e de governança). “A questão ESG tem sido um tema bastante ativo nas emissões internacionais. Trabalhamos em uma emissão da Neoenergia, juntamente com a JICA [Agência de Cooperação Internacional do Japão], que foi para financiar expansão de energias renováveis”, diz. O banco também atuou recentemente na emissão de debêntures da EDP, letras financeiras do Banco Yamaha e bônus da Suzano.

Em 2020, dado mais recente disponível, o lucro cresceu 78,7%, para R\$ 24,088 milhões. O resultado bruto da intermediação financeira foi de R\$ 232,680 milhões, enquanto as receitas de prestação de serviço somaram R\$ 33,348 milhões. A carteira cresceu 101,9% no ano passado, mas o executivo aponta que houve um efeito importante do câmbio. Sem isso, a expansão teria ficado entre 10% e 20%, dependendo do segmento.

Além do capital próprio e repasses da matriz, o MUFG tem buscado reforçar o funding com depósitos locais. Os CDBs são distribuídos só na própria base de clientes.

Quinto maior conglomerado financeiro do mundo, com quase 360 anos e US\$ 3,2 trilhões em ativos, o MUFG é fruto de várias aquisições. O Bank of Tokyo se fundiu com o Mitsubishi Bank em 1996, e dez anos depois essa instituição uniu ao UFJ Bank. O Yokohama Specie Bank - precursor do Bank of Tokyo - chegou ao Brasil em 1919, na esteira da imigração japonesa. Já o Mitsubishi desembarcou no país em 1926 com a Casa Tozan, que atuava com atividades voltadas ao setor agropecuário e depois se transformou em banco.